

Para além dos trilhos: uma leitura do espaço no conto “O Leitor”, de Teolinda Gersão

Rosângela Guedêlha da Silva
Márcia Manir Miguel Feitosa

RESUMO

Este artigo analisa o espaço no conto “O Leitor” (2002), da autora portuguesa contemporânea Teolinda Gersão, buscando refletir acerca dos entrelaçamentos entre as experiências da leitura literária e o lugar existencial que essa narrativa tensiona: “o visível”, expresso na diegese de um afeccionado leitor de romances que perde seu emprego devido a excessos cometidos em relação a esse hábito; e “o cifrado”, cujo conteúdo encontra-se veiculado na tessitura textual por meio de recursos linguísticos e referências simbólicas. Trata-se de um estudo bibliográfico e qualitativo por meio da fenomenologia hermenêutica. Tem como objeto de investigação o espaço literário centrado na categoria lugar existencial ou mundo vivido, abordado em perspectiva interdisciplinar entre a literatura e a Geografia Humanista Cultural. Para tanto, os principais referenciais teóricos são Tuan (2012; 2013), Relph (2014), Candido (2011), Piglia (2004) e Dias (2008).

Palavras-chave: Espaço vivido. “O Leitor”. Teolinda Gersão. Literatura Portuguesa Contemporânea. Geografia Humanista Cultural.

Introdução

A literatura, em todos os seus gêneros, produz uma espécie de conhecimento que cientista nenhum produz. [...] Como arte e conhecimento, a literatura expressa a condição humana e sua existência. (MARANDOLA JR e GRATÃO, 2010)

Um livro faz-nos ver o que não sabíamos, mas tem a ver conosco e com a nossa vida. (TEOLINDA GERSÃO)

O discurso literário quase sempre é um caleidoscópio da vida humana em qualquer configuração de tempo e forma que se possa representá-la e, por isso mesmo, consegue estabelecer interessantes diálogos com as demais artes e com as ciências. Seja em verso ou prosa, de forma oral ou escrita, o poético é poderosamente capaz de alcançar o espírito humano, comunicar-lhe sentidos, sentimentos e sensações, assim como colaborar com a psiquê humana.

Nesse sentido, a arte, em especial a literatura, ainda que possa servir de instrumento de dominação ideológica, pode também se configurar como um poderoso recurso de subversão e resistência em relação ao contexto extratextual, uma vez que o poder da fabulação humana pode

poeticamente seduzir alienando ou aguçando a percepção crítica contra formas de opressão. De qualquer forma, o acesso ao objeto literário, como teoriza Antônio Cândido, quase nunca é uma experiência inofensiva, pois provoca alterações na percepção que o indivíduo tem de si, do mundo e, numa perspectiva ontológica, da experiência do seu lugar no mundo, conforme teorizado no âmbito da geografia humanista. No entanto, à ampliação de horizontes existenciais, opõem-se, muitas vezes, as contingências circunstanciais que afligem o espírito humano, restando-lhe a possibilidade de ressignificação da vida... Essa é a trajetória vivenciada pelo protagonista do conto em estudo.

É pela articulação dessas ideias, suscitadas a partir da tessitura textual, que se buscou, além de evidenciar as ocorrências, refletir acerca dos entrelaçamentos estabelecidos entre as experiências da leitura literária e o lugar vivido no conto “O Leitor”, parte integrante da obra *Histórias de ver e andar* (2002), da autora portuguesa Teolinda Gersão. O texto que se encontra na contracapa dessa obra permite antever que as histórias contadas pelos narradores buscarão direcionar os olhares dos leitores para uma movimentação desmistificadora:

Histórias de ver e andar foi o nome dado pelos árabes às narrativas de viagem, em épocas de descobrir mundos. Mas não é necessário ir longe para mudar de horizonte: o desconhecido mora ao lado, e também dentro da nossa porta. Reconhecê-lo – ou não – depende do modo de ver. E do modo de andar. (GERSÃO, 2002)

A análise focalizará os entrelaçamentos entre as experiências da leitura literária e o lugar existencial que essa narrativa tensiona nos dois planos narrativos teorizados por Piglia (2004): o “visível” expresso na diegese de um leitor afeccionado por romances policiais a ponto de perder seu emprego devido aos excessos cometidos em relação a esse hábito; e o “cifrado”, veiculado na tessitura textual por meio de recursos linguísticos ligados à construção textual e às referências simbólicas.

Trata-se de um estudo analítico por meio da fenomenologia hermenêutica com a inclusão da observação do contexto histórico na proposição heideggeriana; sendo de cunho bibliográfico quanto às fontes consultadas e de natureza qualitativa no que se refere ao trato das informações (GIL, 1999; 2002) (CRESWELL, 2014) (EAGLETON, 2003). Tem como objeto de estudo o espaço literário centrado na categoria lugar existencial ou mundo vivido, sob o enfoque da Geografia Humanista Cultural.

Para tanto, buscou-se fundamentação teórica nos estudos dos geógrafos humanistas Yi-Fu Tuan (2012; 2013) e Eduard Relph (2014) acerca das categorias lugar e paisagem, em diálogo complementar com pressupostos de Antonio Candido (2011) sobre o poder humanizador da literatura, de Ricardo Piglia (2004) sobre a teoria literária acerca do conto e dos estudos críticos de Maria Heloísa Dias (2008) a respeito da escrita gersiana, além da contribuição de outros estudiosos.

A pesquisa realizada para produção deste artigo é uma atividade ligada ao Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura¹, da Universidade Federal do Maranhão (GEPLIT-UFMA/CNPQ), sob coordenação da professora Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa.

¹ O GEPLIT é vinculado ao Grupo Nacional “Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa”, da Universidade Federal Fluminense, liderado pela Profa. Doutora Ida Ferreira Alves, o qual tem a professora Márcia Manir como colíder.

O lugar existencial teorizado pela Geografia Humanista Cultural

A concepção de lugar existencial pertence ao contexto científico humanista e cultural da Geografia que entra em contato dialógico com o universo literário, graças às inovações epistemológicas decorrentes das fissuras ocorridas na concepção hegemônica do conhecimento objetivo e racional que predominou no mundo eurocêntrico até a primeira metade século XX (MORIN, 2005).

Esse panorama de abertura favoreceu a emergência de teorias abertas, revisões na episteme e proposição de condutas científicas renovadas ou vanguardistas (SANTOS, 2010). A perspectiva desses novos valores sociais e culturais favoreceu a (re)formulação da inserção do homem no mundo e uma releitura da história da humanidade em uma perspectiva que passou a considerar o dado incerto inserido no “crivo do ato científico”. A subjetividade e suas representações ganham, assim, relevância na construção do conhecimento no tocante à interferência e ao relacionamento do estar e agir do homem no mundo - natureza e sociedade (GUINSINBURG; FERNANDES, 2005, p.12 e 13).

Ainda que se reconheça que literatura e geografia possuam uma aproximação em função do elemento “espaço”, o estreitamento desses elos e a instauração de abordagens interdisciplinares entre essa ciência e as artes decorrem da incorporação do Humanismo à prática geográfica, consolidando-se na vertente humanista cultural. Tal incorporação permitiu que se passasse de abordagens puramente ligadas ao reconhecimento descritivo objetivo de elementos físicos da paisagem terrestre a pesquisas de natureza qualitativa, ligadas à subjetividade. Isso porque a proposta humanista focaliza

[...] o ser humano em todos os sentidos, seja por valorizar seus fenômenos sentimentais (nas artes), racionais (nas construções, na economia e na política), os psíquicos (nos sonhos, no imaginário e na imaginação), nas escalas individual (existência) e coletivo (cultura) (MARANDOLA, 2005, p.413).

A base filosófica desses estudos consolidou-se pelo suporte da fenomenologia com nuances existencialistas. A orientação fenomenológica serve de método e fundamentação teórica para as pesquisas, sobretudo quanto à valorização do mundo vivido, da experiência, da intencionalidade, do autocohecimento, do antropocentrismo e da interdisciplinaridade com as Humanidades - denominação que inclui as artes (HOLZER, 2016).

Na esteira dos estudos realizados por alguns geógrafos visionários, o francês Eric Dardel teorizou acerca da superação dos preceitos positivistas no âmbito geográfico ainda nos anos 60 do século XX. Ele propôs uma abordagem da experiência entre o homem e o meio a partir de preceitos da fenomenologia, teorizada por diversos filósofos, dentre os quais Gaston Bachelard e Martin Heidegger (MARANDOLA, 2015). Para Dardel (2015, p.6), “entre o Homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser”, uma ligação a que denominou de “geograficidade” (*geographicité*), ou seja, “o homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2015, p.2). Elos que a ciência desconsidera, mas que o estudioso humanista deve valorizar por serem elementos dotados de significação.

Na obra *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (1977; 2013), o geógrafo Yi-Fu Tuan, um dos pioneiros da vertente da Geografia Humanista ao lado de Edward Relph e Anne Buttimer, expõe fundamentos consolidados sobre espaço e lugar² em relação à experiência humana, o termo-chave desses estudos.

2 Segundo Holzer (2014, p.290), o par “espaço” e “lugar” corresponde, na fenomenologia, a “mundo” e “lugar”.

O ser humano experiencia o espaço e, à medida que essas vivências vão se desenvolvendo, valores vão sendo atribuídos e o lugar se constitui. Trata-se de uma perspectiva experiencial: o valor é gerado pela experiência. Espaço é abstrato e lugar é concreto: “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 2013, p.14). Objetos e lugares são dotados de valor a partir da experiência na qual estão implicados sensações, percepções sensoriais, pensamentos e reflexões:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde sentidos mais diretos e passivos com o olfato, paladar e tato, até a percepção ativa e a maneira indireta de simbolização. (2013, p.17)

Como sintetiza Holzer (2014, p. 291):

A geograficidade trata do conteúdo existencial do homem com o espaço terrestre e, na medida em que o homem se apropria desse espaço, ele se torna “mundo”, a partir da fixação das distâncias e direções, onde os marcos referenciais são o corpo e a matéria onde ele se apoia, um espaço primitivo que, uma vez apropriado pelo homem, se torna “lugar”.

Portanto, é pela perspectiva de espaço geográfico que o mundo vivido e o lugar existencial do homem são concebidos em uma escala crescente de ligação íntima com o meio, o que se dá através das experiências vivenciadas. O geógrafo Edward Relph, que desde os anos de 1970 tem se voltado ao estudo do fenômeno do lugar, afirma que esse é um conceito evasivo, uma vez que perpassa pela subjetividade e pela intersubjetividade, ligadas a um contexto (uma sala, uma praia, a cidade, o bairro, um evento, um objeto...) e, ainda, à capacidade de reunir ou aglutinar qualidades e significados decorrentes da experiência humana imediata. Essa reunião resulta no que ele denomina de *lugaridade* - qualidade inerente ao *lugar*, constituída pela combinação de vários aspectos, como: autenticidade, encontro, sentido de lugar e o espírito do lugar.

Na obra *Place and placelessness*³ (1976), Relph expõe sistematicamente sobre a lugaridade como o parâmetro central para o estudo *do lugar* como fenômeno individualizado de inserção humana no meio, de tal forma que, sem essa característica, o lugar não existe. Com base na lugaridade, ele identifica ocorrências graduais desde os *lugares autênticos* dotados de intensa lugaridade, os *lugares-sem-lugaridade* e, por fim, os ambientes de construção padronizada, sem qualquer referência de ligação significativa para as pessoas, locais de passagem ou reduzidos a atividades comerciais, os *não-lugares*⁴, tais como supermercados, aeroportos internacionais e pontos de *fast foods* e outros. Segundo o autor,

a relação entre lugar e lugares-sem-lugaridade não é uma simples oposição binária. Os processos que levam à diferenciação de lugar estão em toda parte comprometidos em uma luta contra aqueles que levam à ausência da lugaridade. Assim, qualquer parte, não importa o quão uniforme possa ser, tem alguns elementos de lugar. Não importa quão forte seja o espírito do lugar, este possuirá alguns aspectos de ausência-de-lugaridade [...] (RELPH, 2014, p.25)

Nota-se a preocupação do autor em ressaltar o caráter variável desses fenômenos, uma vez que se constituem em diferentes níveis e contextos e, principalmente, por sua perspectiva experiencial. Em recente ensaio, reafirmou que o

3 Holzer (2015, p.143) comenta que a tradução de *placeness*, considerando o contexto utilizado por Relph, é “lugar desprovido de significado” que, em português, foi traduzido como “não-lugar”.

4 Marc Augé (1994) também realiza estudos a respeito de não-lugares, mas sua abordagem é de orientação determinista, distinguindo-se da fenomenológica de Edward Relph.

Lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e como essa experiência se abre para o mundo. O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha sempre que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo. (RELPH, 2014, p.29)

Nesse contexto, a paisagem “não é círculo fechado, mas um desdobramento (Idem, p.31-32), é uma organização espacial humana, não como uma justaposição de elementos físicos e culturais manifestos em sua exterioridade, mas o que está em torno do homem, um constructo cultural a partir da geograficidade. Compreender a paisagem pela perspectiva da fenomenologia é conceber o sujeito e o objeto como inseparáveis, conforme explica Jean-Marc Besse (2015, p.119): “[...] paisagem é a manifestação do movimento interno do mundo [...] de tal modo que, no fundo, compreender a paisagem é ‘ser-na-paisagem’, está ‘no ser’, é ser atravessado por ela”.

Nos estudos literários de paisagem no âmbito do GEPLIT, o diálogo interdisciplinar decorre devido ao reconhecimento de contribuições mútuas em relação ao mesmo elemento: a geografia teoriza e a literatura representa “o espaço existencial ou vivido definido como ‘a estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural [...]’”. Ele está ligado à individualidade e à coletividade humana, inseridas em um contexto cultural e histórico, de forma que o espaço vivido é também “intersubjetivo e, portanto, permeia todos os membros do grupo, pois todos foram socializados de acordo com o conjunto de experiências, signos e símbolos” (RELPH, 1976, p.12 *apud* HOLZER, 2015, p.143). Dessa categoria mais ampla, como visto, sucedem os fenômenos lugar, lar, topofilia e tantos outros.

O poder humanizador da literatura

No ensaio intitulado “O Direito à Literatura” (2011), o professor, sociólogo e crítico literário brasileiro, Antonio Candido, defende o acesso à literatura como um dos direitos básicos, indispensáveis ao ser humano, assim como são a alimentação, a moradia, o vestuário, a saúde, a liberdade, a instrução, o amparo à justiça pública, a resistência à opressão, o direito à crença, opinião, lazer. Nesse contexto, considera-se literatura:

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011, p.176)

Assim, a fabulação se faz presente na existência das pessoas, sendo uma “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (CANDIDO, 2011, p.176). O acesso à literatura valoriza e favorece a integridade espiritual das pessoas e, conseqüentemente, do coletivo social, daí decorre a ideia de necessidade e direito ao contato com elementos ficcionais ou poéticos. Acerca da experiência da leitura, Teolinda afirmou em uma entrevista, em 2011⁵:

Acredito que a literatura alarga o horizonte e a experiência do mundo. [...] O próprio gesto de abrir um livro (sem o qual na minha perspectiva a vida não seria vida) é um gesto de liberdade: um novo espaço se abre, e nos convida a percorrê-lo. E é, ao mesmo tempo, um gesto de humildade: algo que ainda não sabemos,

5 Teolinda Gersão, *a escrita e um jogo de sedução* – entrevista. Disponível em: <http://caras.sapo.pt/famosos/2011-07-24-teolinda-gersao-a-escrita-e-um-jogo-de-seducao>. Acesso em 18 ago. 2017.

não conhecemos, não temos, vai ser-nos oferecido e acrescentado, porque estamos sempre num processo de crescimento e de aprendizagem, que só chega ao fim quando morremos.

Assim, o sociólogo brasileiro observa que o literário é uma forma de conhecimento de experiência quase nunca inofensiva, uma vez que pode servir de instrumento de influência e/ou de formação de ideologias e da personalidade dos indivíduos, como ocorre na educação familiar, social e escolar. Vai mais além: destaca a importância do acesso amplo e irrestrito ao campo literário, incluindo, além das obras sancionadas oficialmente, também as que forem consideradas proscritas.

Esse aspecto contraditório é um mecanismo humanizador da literatura, porque possui uma “poderosa força indiscriminada de iniciação da vida[...] traz livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo porque faz viver” (CANDIDO, 2011, p.178). Entende-se aqui humanização como o

exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres e o cultivo do humor. (CANDIDO, 2011, p.182).

Tal efeito se configura em relação ao ordenamento do caos o qual comunica ao espírito humano a possibilidade de também organizar suas emoções e, conseqüentemente, ordenar a sua compreensão do mundo.

Outro aspecto pelo qual a literatura pode se articular à luta em favor dos direitos humanos é por ela servir de instrumento de registro e denúncia de formas de desrespeito à condição humana (situações de opressão, preconceito, violência física e psicológica, tortura, restrição e negação de direitos etc.).

O autor destaca, ainda, que a organização da sociedade pode favorecer ou dificultar o acesso à leitura, pois as políticas públicas de difusão cultural estão diretamente atreladas aos objetivos políticos e econômicos para a coletividade. Essa reflexão ressalta a importância da aproximação entre a literatura e a sociedade, em uma relação simbiótica de alimentação e iluminação das formas de expressão e compreensão de ideias e fatos. Pode o literário ser um mecanismo de aguçamento da sensibilidade e da criticidade em perspectiva individual/pessoal, local, comunitário e global acerca da realidade social, política, econômica, ambiental, científica, artística e cultural da humanidade no século XXI.

O poder da arte de que trata Antonio Candido também é destacado por Terry Eagleton (2011, p. 132) ao tratar da produção artística vista pela observação marxista:

Na sociedade capitalista, ela (a arte) é convertida em mercadoria e deformada pela ideologia; e, no entanto, ela, ainda, é em parte capaz de nos atingir além desses limites. Ela ainda pode nos proporcionar uma espécie de verdade – não, temos que admitir, uma verdade científica ou teórica, mas a verdade de como os homens vivem e compreendem suas condições de vida, e de como eles protestam contra elas.

A ressignificada força política, econômica e social desumanizadora do contexto mundial atual, paradoxalmente, atualiza esse discurso, evidenciando, ainda, a necessidade e a importância da arte também de caráter combativo.

Nesse sentido, Rosignoli (2001, p. 74), ao tratar da literatura e sua relação com o contexto sócio-político português pós-ditadura, destaca que a “abertura política inova, mas carrega os estigmas de anos de ditadura. Combater os efeitos de anos de repressão é um trabalho lento, envolve um desfazer

de marcos: de silêncio, de repressão, de nulidade”. Ao que se soma a explicação de Dias (2008, p.30-31) acerca da implicação histórico-social na produção literária de Teolinda:

Mas a viabilidade de caminhos propostos pela abertura política não livrou o contexto português das marcas deixadas pelo passado recente. [...] O combate à ditadura é uma luta tão árdua quanto o combate aos seus efeitos; o desfrute do espaço aberto para conquista democrática não se dá sem o descondicionamento paulatino do contexto de opressão. Eis porque esse contexto existe na obra da autora como motivo latente [...] aflorado pela escrita.

Teolinda Gersão e a obra *Histórias de ver e andar* (2002)

Nascida na cidade de Coimbra, em 1940, Teolinda Gersão tem sua trajetória atravessada pela vivência das agruras opressivas de uma sociedade portuguesa no contexto da ditadura salazarista e pela oposição que realiza, sobretudo após a queda do regime em 1974, em busca de superação contra o legado ideológico desse regime, o qual marcou profundamente o ideário/imaginário do povo português e o qual a autora aborda mais enfaticamente, sob distintos prismas, desde suas primeiras obras, *O silêncio* (1981) e *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982).

Essa autora pertence à geração de notáveis escritores, como José Saramago, Lobo Antunes, Lídia Jorge, Maria Gabriela Llansol, Mário Cláudio e outros, que iniciaram sua produção após a Revolução dos Cravos. Sua escrita é repleta de singularidades formais e conteúdos que tendem a despertar reflexão crítica em seus leitores mais atentos.

A leitura das obras de Teolinda permitem evidenciar seu flagrante comprometimento com os desafios e dilemas existenciais que se apresentam na vida de homens e mulheres no contexto histórico, político e social português e de caráter universal. Ela o faz por meio de uma linguagem subversiva tanto em aspectos formais, quanto no plano do conteúdo, porém busca seduzir seu leitor com toques de prosa poética que servem também para conferir certa opacidade aos temas cáusticos de que não se esquiva de representar. Enfim, rompe com o usual por meio de uma escrita criativa, intensa e ousada. Dias (2008, p 11-12) destaca que Teolinda faz uma “reescrita estética” em sua produção literária, tal é seu nível de inovação e desprendimento de padrões, corporificando uma “desmistificação de formas e valores”.

A amplitude de sua produção parece refletir o cosmopolitismo de suas experiências. Teolinda morou na Alemanha por três anos, onde atuou como leitora em uma editora e, depois, já doutora, como professora de português na Universidade Técnica de Berlim. Foi docente na Universidade de Coimbra e Universidade Nova de Lisboa, tendo chegado a se tornar catedrática. Após a aposentadoria em 1995, pode se dedicar exclusivamente à carreira de escritora. Morou no Brasil por dois anos, período em escreveu *Os guarda-chuvas cintilantes* (1984), assim como o romance *A árvore das palavras* (1997), associado à sua estada de seis meses em Moçambique. Também morou nos Estados Unidos e atualmente reside em Lisboa. Em 2017, visitou o Brasil para diversos eventos acadêmicos e o lançamento de uma edição brasileira da obra *A cidade de Ulisses*.

Sua produção engloba diferentes gêneros em prosa, predominantemente romances. Além dos já citados, tem-se *História do homem na gaiola e do pássaro encarnado* (1982), *O cavalo de sol* (1989), *A casa da cabeça de cavalo* (1995), *As águas livres* (2013), *A cidade de Ulisses* (2011) e *Passagens* (2014). Produziu duas novelas: *Os teclados* (1999) e *Os anjos* (2000); e dois livros de contos além do focalizado neste estudo: *A mulher que prendeu a chuva* (2007) e *Prantos, amores e outros*

desvarios (2016). Várias dessas produções foram traduzidas para o inglês, francês e alemão. Alguns serviram de base para roteiros de produções audiovisuais e quatro receberam adaptações para o teatro com apresentações em Portugal, na Alemanha e na Romênia.

É reconhecidamente uma notória prosadora no panorama português atual, tendo recebido diversas importantes premiações por sua produção, como o Prêmio do Conto Camilo Castelo Branco (2002) pela obra *Histórias de ver e andar e sua mais recente premiação, o Prêmio Literário Vergílio Ferreira* (2017), em reconhecimento à relevância de sua produção no âmbito da narrativa e do ensaio português.

Ao tratar especificamente da produção de Teolinda no contexto da prosa portuguesa contemporânea, Gomes (1994, p. 73-74) destaca que a autora trabalha com a “perspectiva minimalista”, pois prioriza a intimidade do âmbito doméstico familiar. Apesar de suas personagens serem predominantemente do universo feminino, homens e mulheres são representados em situações cotidianas ressignificadas, em um jogo discursivo e simbólico a envolver aspectos da interioridade e da exterioridade humanas, articulando, muitas vezes, o plano da ficção ao da realidade extratextual.

O conto “O Leitor”, focalizado neste estudo, é um dos catorze textos que integram a obra *Histórias de ver e andar* (2002). No tocante à fortuna crítica dessa obra, destacam-se as contribuições de Perpétua (2005, p.02) ao apresentar uma síntese dos temas arrolados nessa coletânea:

A matéria que constitui os contos de *Histórias de Ver e Andar* insere-se no cotidiano e ganha foros de universalidade à medida que neles se expõem os pequenos dramas da condição humana atualizados no funcionamento de nossa sociedade pós-moderna. Encontramos aqui personagens cujas histórias – de separação, de abandono, de velhice, de aviltante disparidade social, de solidão, enfim – são ambientadas num mundo em que o aparato tecnológico e as questões sociais e existenciais se fazem tão amalgamados que as narrativas se tornam absurdamente possíveis. E tornar-se-iam também absurdamente comuns, não fosse o modo como Teolinda as vê e as faz andar, isto é, o modo como as narrativas são elaboradas.

Assim como Pereira (2008), ao identificar um fio condutor que interliga esses contos:

A realidade portuguesa contemporânea aparece retratada nestas narrativas de uma forma exemplar e em mosaicos multicolores. São diversas as isotopias que percorrem as histórias, mas todas elas condensam, de algum modo, mundos diferentes, que confluem, muitas vezes, em reflexões sobre a escrita e a leitura. Passam pelos olhos do leitor figuras e vozes únicas que vivem situações insólitas ou normais, transportando o leitor da realidade à fantasia ou vice-versa.

O espaço vivido em “O leitor”: Teolinda Gersão para além dos trilhos

Oh! Bendito o que semeia
Livros à mão cheia
E manda o povo pensar!
O livro, caindo n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!
(CASTRO ALVES)

“Sempre gostei de ler e nunca pensei que daí me pudesse vir algum mal” (GERSÃO, 2002, p.179). Assim se inicia e se resume a história contada em forma de discurso memorialístico pelo narrador-personagem, um condutor de metrô e um leitor aficcionado por romances policiais. Sua

narrativa centra-se no episódio de quando perdera o emprego por ter se excedido ao levar o hábito de ler nas horas vagas para o horário de trabalho. Ele, que antes somente pensava sobre os textos que lia, foi flagrado com um livro nas mãos, na cabine de controle do trem, ao mesmo tempo em que era o responsável pela condução. Ele é denunciado e punido por desrespeitar as normas de segurança e, segundo lhe informaram, não foi processado apenas porque a empresa não queria publicidade sobre a seleção inadequada de seus funcionários. Ao final, ele se sente triste, culpado e admite que passou a ler somente anúncios em busca de emprego.

Esse é o enredo de uma das histórias contadas nesse texto, pois, como afirma Ricardo Piglia (2004, p.87-91), em uma de suas teses sobre as “formas breves”, tais narrativas possuem um caráter duplo: sempre contam duas histórias. Uma é o relato visível e a segunda é o conteúdo que vem implícito no primeiro, sendo expresso de forma cifrada. Piglia acrescenta que, modernamente, as duas histórias são contadas como se fossem somente uma, sendo a segunda construída de forma cada vez mais esquiva, dissimulada, “com o não-dito, com o subentendido e a alusão”.

Ao apresentar seu cotidiano, o narrador protagonista mostra-se como um trabalhador de atividade simples e automática, dono, porém de um intenso hábito da leitura: “Ler era mais urgente do que tudo, varria-me o que trazia à cabeça - fadiga, preocupações, ansiedade, os coisas ruins do dia” (GERSÃO, 2002, p. 179). Ele revela buscar nos textos, sobretudo nos romances policiais, o deleite e o escapismo após os turnos de seu trabalho rotineiro e solitário na condução do metrô. Entretanto, encontra muito mais, pois a percepção do universo literário o provoca a também refletir acerca do mundo extraliterário:

Também as pessoas que percorriam nas plataformas estavam presas a determinadas estações onde moravam para a estação onde trabalhavam, e vice-versa. [...] Aparentemente podiam entrar e sair onde quisessem, em todas as estações de todas as linhas _ mas só aparentemente (GERSÃO, 2002, p. 183).

A inserção de reflexões críticas acerca da existência humana acontece ao longo de todo o texto, sendo essa condição expressa poeticamente como uma existência vivida em linhas duplamente tecidas: as dos livros sobre as quais seus olhos deslizavam “como um bicho lento e voraz” e as do comboio, percorridas no comando de um “bicho rápido e voraz” (GERSÃO, 2002, p. 182).

Em um claro diálogo com as ideias de Candido sobre o efeito da literatura na alma humana, percorrer as linhas do metrô garantia ao leitor a sobrevivência material, mas percorrer os livros alimentava a existência.

No texto, há referências simbólicas que corroboram com a ideia de travessia existencial vivenciada através de um “túnel escuro”, o texto literário, tendo como recompensa prazer, conhecimento e sabedoria: a clássica simbologia da luz na expressão “plataforma iluminada”, associada a outras, como trem, símbolo de evolução; e túnel, que remete a travessias obscuras, inquietas, dolorosas que levam para outra vida, como uma espécie de rito de iniciação (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p.896; 916).

Assim, no plano da diegese, esta história aborda os atos de “ver” e “andar” aludidos no título do livro em relação às narrativas de viagem árabes, assim como pode estar relacionada aos benefícios intelectuais e cognitivos relativos ao ato de ler que aparecem na capacidade de ter novas percepções e perspectivas da realidade que circundam o homem.

Entretanto, é possível destacar dois elementos que, implicitamente, sinalizam outra narrativa que seria uma ampliação dessa que fora contada. Uma é o fato de o protagonista não ter uma identificação

nominal, o que pode ser indicativo da universalidade do que ele representa: o homem comum, um trabalhador cujas atividades são de execução de tarefas com comandos pré-estabelecidos, o que não lhe exige produção intelectual.

O segundo elemento consiste na identificação do que a narrativa privilegia na ação do Leitor. No emprego reiterado e adversativo do advérbio “aparentemente”: “Aparentemente podiam entrar e sair onde quisessem, em todas as estações de todas as linhas - mas só aparentemente (GERSÃO, 2002, p. 183), há o indicativo de um certo exercício reflexivo do narrador. Entretanto, o fato de ele ler romances policiais e depois ocupar-se pensando somente sobre os aspectos estruturais desses textos, não parece ser o suficiente para favorecer um aguçamento do senso crítico, mas ele, ainda assim, tem sua percepção da realidade ampliada, portanto o aspecto em destaque não é o que ele lê, mas a prática da leitura em si e, certamente, a conjuntura político-econômica e social em que se insere.

A experiência leitora faz com que o lugar existencial do maquinista fique profundamente marcado pela literatura e seu destino atravessado por efeitos dessa presença. As vivências de grande significado na vida daquele trabalhador se dão intermediadas pela leitura: entre ele e o mundo está o ato de ler, experiência que ressignifica seu modo de existir. E isso se amplia, pois, ao compreender-se um entre tantos na mesma condição, ele deseja não mais se recolher do mundo que o oprime (lendo somente nas horas vagas) ou a ele se acomodar (saindo aos domingos para, ao menos, nesse dia ver o mundo na superfície e escolher as rotas de seu caminho). Ele buscará transformar sua forma de estar no mundo para não ser apenas “aparentemente” livre, embora essa seja a condição de todos à sua volta. Ele não somente entende as limitações de seu grupo, mas se insurge contra a imobilidade social que lhe é imposta.

Dias (2008, p.89) observa que, na narrativa gersiana, a “[...] força com que a ficção penetra na realidade assim é em virtude das projeções criadas pelo ato de contar”. Nesta, em particular, o discurso metalinguístico serve de base para a construção de um jogo discursivo que tensiona o ficcional e a sugestão do real histórico, como no trecho:

O que me irrita nos policiais (porque é verdade que também me irritam) é que o autor nunca dá ao leitor todas as cartas, esconde sempre algumas na manga. Nunca consegui descobrir o assassino, mas não posso dizer que a culpa seja minha. [...] o autor diverte-se ao gozar do leitor. [...] o leitor, é claro, faz figura de estúpido e não descobre nada, apesar dos mapas. [...] Então vemos, de rosto descoberto, o homem que matou. (Próxima Estação: Colégio Militar)

Não é um rosto hediondo, quase sempre nos continua a ser familiar. [...]

A verdade é reposta e o jogo acaba. Temos a sensação de que se restabeleceu a ordem, das coisas e do mundo. Os inocentes são recompensados e os culpados recebem castigo.

Um jogo infantil. A vida

(Próxima Estação: Alto dos Moinhos)

Não é exatamente assim. Estes livros são muito moralistas, apesar dos cadáveres e dos crimes.

Mas não deixamos de jogar o jogo, só porque o achamos infantil. (GERSÃO, 2002, p.185-186)

Tal fragmento remete ao plano visível da história imediata em que o narrador reflete sobre as leituras que faz. Entretanto, se essas construções, que superficialmente são metalinguísticas, forem tomadas em uma perspectiva de ambiguidade, é possível a remissão ao contexto ditatorial de cerceamento de liberdades, opressão e violência em que as aparências dos fatos e a realidade vivida, ainda que distintas, são forçosamente consideradas legítimas.

No início, por exemplo, o “autor” pode ser uma referência de uma figura que seja detentor do poder e manipulador do “jogo”, que pode ser uma metáfora de “vida”. O “leitor”, como já compro-

vado, não é uma pessoa, mas uma coletividade. Ele representa o povo que deve seguir os caminhos previstos/manipulados, tendo que se adequar para sobreviver, apesar dos males que o atingem direta ou indiretamente.

A expressão “a verdade dos fatos” remete à manipulação dos discursos exercida por governos (não somente os totalitários!), através dos meios de comunicação e das instituições de formação e controle social (família, igreja, escola e forças armadas), como o projeto ideológico em favor da manutenção do sistema ditatorial salazarista e da figura de Antônio Salazar e, até mesmo, no ideário do período pós-revolucionário português (PEREIRA, 2014) (TRINDADE, 2011). Ideias que aparecem sugeridas no conteúdo e na associação sequencial dos trechos: “vemos, de rosto descoberto, o homem que matou”; seguida da “Estação: Colégio Militar”; e a referência ao culpado em “Não é um rosto hediondo, quase sempre nos continua a ser familiar”; e nas insinuações contidas nas construções “A verdade é reposta” e “Temos a sensação de que se restabeleceu a ordem das coisas e do mundo”. E, ainda, o tom irônico da constatação: “Não é exatamente assim, estes livros são muito moralistas, apesar dos cadáveres e dos crimes”.

Assim como essas, o texto é rico em possibilidades de analogia entre o universo literário e o extraliterário, cabendo aqui abordar outro elemento: a ideia central do desfecho - “[...] mesmo que tivesse muito tempo para mim, não sei se leria como antes” (GERSÃO, 2002, p.190). O que, na superfície textual, é uma consequência da falha do leitor em deixar-se dominar pelo fascínio dos romances que lia. Tal é a culpa e a melancolia que passam a dominar a personagem e a narrativa, que esses aspectos apontam para uma outra face dessa história: a privação das condições de acesso à leitura e ao conhecimento.

De acordo com o ideário de cunho marxista, o homem não é livre o suficiente para fazer escolhas sociais (EAGLETON, 2011) e o sistema quase nunca o favorece; de fato, uma emancipação, tal como a personagem do conto que vivia em contexto que a oprimia, restringia suas opções existenciais pela necessidade material e pelo estágio ou lugar que ocupava no processo produtivo: era somente um reprodutor de operações mecanizadas.

Realidade que o incomodava, tanto que somente sentia prazer nas experiências que vivenciava em torno do ato de ler. A ligação com sua casa, com um lugar de acolhimento, fazendo com que fosse seu *lar* (o lugar onde se é acolhido, onde se estabelecem mais intensamente os laços afetivos como meio; onde se habita ontologicamente) era assim porque em sua moradia ele podia ser livre para decidir o que fazer, sentir a sensação de espaciosidade.

Assim como *lar*, a espaciosidade está intrinsecamente associada à sensação de liberdade e de bem-estar, implicando possibilidades suficientes para a ação e os deslocamentos necessários à vida e ao fato de se pode ir além da condição presente (TUAN, 2013). Foi por não usufruir de espaciosidade no metrô que ele decidiu levar a leitura para esse espaço, com a intenção de se sentir melhor naquele ambiente que o desumanizava, reificava-o por reduzi-lo à mera peça de uma engrenagem, passível, portanto, de descarte e reposição.

Nesse contexto, não obstante toda restrição que sofre devido ao apego à leitura, ele é identificado como “O Leitor”, grafado com letra maiúscula, denotando um valor a mais a essa figura que, ainda assim, é aquele que lê. Como visto, essa é a experiência definidora de seu lugar no mundo.

Tal afirmação é muito importante para essa discussão. Como explica Relph (2014, p.31), “Lugar é microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco”.

co [...]. Isso é existencial e ontológico.” Cabe salientar que o maquinista é o leitor que atingiu pela leitura a percepção de si e do mundo, porém, quando o mundo o percebeu nessa condição, impôs a retaliação, o que provocou nova alteração de seu lugar existencial. Nesse ponto, a escrita gersiana e os estudos fenomenológicos de lugar não somente permitem que se vislumbre uma situação/experiência, mas destacam que a existência humana se constrói em espaço experienciado, produzido historicamente, podendo, assim, suscitar a reflexão acerca de como poderia ser se as relações e os valores que as norteiam fossem diferentes.

A identidade do maquinista como Leitor equivale a um ato de resistência. Conteúdo muito caro a Teolinda Gersão e que parece estar no substrato de suas obras. Tal é a força desse aspecto que Dias reconhece um mergulho na interioridade vivenciado no percurso das personagens gersianas, tendo sobre elas um efeito depurador, uma ressignificação a partir de suas atitudes. Em *O silêncio* (1981), Lídia rompe com a dominação do amante; Júlia, em *Os teclados* (1999), assume seu estilo próprio de ser pianista, rompendo com a dominação do tio; em *A árvore das palavras* (2004), Gita abdica de manter o relacionamento com a pessoa e de permanecer na cidade onde nasceu e à qual se sente intimamente ligada, para enfrentar uma nova vida, o que configurará sua autoafirmação; e, para exemplificar uma personagem masculina, há Paulo, de *A cidade de Ulisses* (2011), que, ao vivenciar a imersão na obra de Cecília, tem uma experiência transformadora em sua companhia por meio da história de vida e da obra de arte.

O seguir pelas trilhas do metrô, num percurso indefinitivamente circular que compromete a espaciosidade existencial do narrador, frente ao qual a leitura constitui-se como uma experiência libertadora, faz com que esse conto retome a dupla ideia da circularidade analisada por Dias (2008, p.188-189):

Digamos que a imagem do círculo parece atender a duas motivações básicas [...] Por um lado, há o peso das circunstâncias exteriores (políticas, sociais, familiares) que amarram umbilicalmente as personagens a um espaço onde se torna difícil qualquer corte para a afirmação do individual.[...] Por outro lado, é exatamente nesse espaço circular, olhando para dentro de si mesmas e enfrentando os riscos do universo que se curva sobre si, que as personagens fazem proliferar as formas imaginárias de romper com a visão retilínea imposta pelo mundo masculino.

No entanto, em “O Leitor”, a imersão traz alterações, mas não retira o protagonista da total dominação do círculo reificador em que se inseria. Nessa perspectiva, seu enunciado “não sei se leria como antes” (GERSÃO, 2002, p.190) não se refere a não ler mais, porém fazer isso de outra forma: talvez não ler somente por paixão pessoal como antes; talvez não somente ler, mas escrever, como concluiu Pereira (2008). Ou, ainda, ler com outros objetivos e de outras formas. O personagem afirma que lê sim, mas anúncios com a preocupação de arrumar novo emprego, o que não acontecia no metrô onde estava empregado e conciliava a leitura com a atividade de maquinista. Nos trilhos, naquele momento, tudo era proporcional: trabalho e prazer, mas o lugar além deles é uma paisagem ainda por construir, um horizonte a se configurar.

Considerações finais

Por meio da leitura analítica do espaço no conto “O Leitor”, em que se buscou dialogar com outros estudos literários e com outras áreas de conhecimento, como a Sociologia, a História e, mais enfaticamente, com a Geografia Humanista Cultural, evidenciou-se uma narrativa crítica que reflete

nela mesma a ruptura de dogmas, configurando-se numa evidente produção metaliterária, quer por meio do dialogismo entre o científico e o artístico implicado na leitura das representações que expressa, quer por servir como lugar para a expressão de realidades obscurecidas e marginais, em um exercício de ampliação de seus próprios limites de composição.

O lugar existencial do leitor, no texto, é o mundo vivido do homem comum inserido em um contexto de trabalho e de luta pela sobrevivência que tende a reificá-lo e, sendo-lhe hostil, compromete também seus laços de lugaridade e sua sensação de espaciosidade. Porém, o comprometimento de seu lugar minimiza-se por meio do ato de ler que faz dele um produtor de sentidos nos planos literário e extraliterário, em um possível efeito humanizador. Nessa perspectiva, o texto tensiona o íntimo pessoal e o coletivo social, o ficcional e o real por meio das narrativas (visível e cifrada) que fizeram constituir o ver e o andar de histórias e ideias.

Assim, o conto analisado, além de constituir um texto de ficção notável, envolve os leitores (textual e real) em um jogo poético tal, que percorrer o caminho dessas linhas é embarcar, sabidamente, em uma jornada de encanto e prazer, porém com os assombros e as incertezas que caracterizam as experiências de travessia, seja seguindo nos trilhos ou para além deles.

Beyond the tracks: a reading of the space in the short story "O Leitor", by Teolinda Gersão

ABSTRACT

This paper analyzes the space in the short story "O Leitor" (2002), by the contemporary Portuguese author Teolinda Gersão, seeking to reflect on the interweaving between the experiences of literary reading and the existential place that this narrative underlines: "the visible", expressed in the diegesis of an aficionado novel reader who loses his job due to the excesses committed regarding his reading habit; and "the encrypted", whose content is conveyed in the textual tessitura by means of linguistic resources and symbolic references. It is a bibliographical and qualitative study through the hermeneutic phenomenology. It has as object of investigation the literary space centered in the existential place or lived world, category addressed in an interdisciplinary perspective between the literature and the humanistic cultural geography. For that, the main theoretical references are Tuan (2012; 2013), Relph (2014), Candido (2011), Piglia (2004) and Dias (2008).

Keywords: Lived space. "O Leitor". Teolinda Gersão. Contemporary Portuguese Literature. Humanistic Cultural Geography.

REFERÊNCIAS

- BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência: a partir da obra de Eric Dardel. DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 111-141.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura *In*: **Vários escritos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2011.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. 2.ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DIAS, Maria Heloísa Martins. **O pacto primordial entre mulher e escrita: Teolinda Gersão e a atual prosa feminina portuguesa**. São Paulo: Scortecci, 2008.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Tradução Matheus Corrêa. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- _____, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra; [revisão da tradução João Azenha Jr.]. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Biblioteca universal).
- GERÇÃO, Teolinda. **Histórias de ver e andar**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 1999.
- GUINSINBURG; FERNANDES. No rastro do Pós-Modernismo. In: GUINSBURG, Jacó; BARBOSA, Ana Mae (orgs.). **O Pós-Modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005 (pp.11-17).
- GOMES, Álvaro Cardoso. **A Literatura Portuguesa em Perspectiva**. São Paulo: Editora Atlas, 1994. (v.04).
- HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 141-155.
- _____. Werther. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Livia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 281-304.

MARANDOLA JR, Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista (orgs). **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.

TRINDADE, Luís. Os excessos de abril. In: GOMES, Renato Cordeiro. MORGATO, Izabel (orgs.). **Literatura e Revolução**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 43-61.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor – 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PEREIRA, Maria João de Oliveira e Sousa. **A Ironia: Estratégias de opacidade no conto “O Leitor” de Teolinda Gersão**. Aveiro, 2008. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B6Yjdi1fotMmWER3dmV5NXV5QTQ/view>. Acessado em 18 ago. 2017.

PEREIRA, Maria Paula. A Escola portuguesa ao serviço do Estado Novo: as Lições de História de Portugal do Boletim do Ensino Primário Oficial e o projeto ideológico do salazarismo. **Da Investigação às Práticas**, 4(1), 2014, p.59 - 81. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.21/3423>>. Acessado em 20 de ago. 2017.

PERPÉTUA, Elzira Divina. Modos de ver, modos de andar: o leitor em Teolinda Gersão. **Anais do XX Encontro de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa da ABRAPLIP**. Niterói (RJ): L. Christiano, 2005 [s.p.]. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B6Yjdi1fotMmV0xGOWtvS0xHSVE/view>. Acesso em 18 ago. 2017.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essências de Lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Livia de (orgs). **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 17-32.

ROSIGNOLI, Margareth M. J. A. A revolução na literatura portuguesa. 2001. **Revista do CESP** – v. 24, n. 33 – jan-dez. 2004, p. 74-75. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/viewFile/6677/5674>. Acesso em 10 fev. 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

_____, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

MINIBIOGRAFIA

Rosângela Guedêlha da Silva

Mestranda em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade Cândido Mendes e Graduada em Letras - Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão. Membro do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura - GEPLIT/UFMA/CNPQ. Professora do Ensino Médio - Secretaria de Estado de Educação do Maranhão e Técnica em Assuntos Educacionais - UFMA. E-mail: rosgued29@gmail.com.

Márcia Manir Miguel Feitosa

Profa. Titular do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Doutora e Mestre em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) e em Letras (PGLetras) da Universidade Federal do Maranhão. Coordenadora do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (GEPLIT) e colíder do Grupo de Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense. E-mail: marciamanir@hotmail.com